

DE UM PASTA DE VELHOS RECORTES

DIFERENÇAS ENTRE AS ALDEIAS DO PARAGUAI E DO BRASIL

Serafim LEITE SJ*

Ouve-se às vezes, a propósito dos aldeamentos dos jesuítas no Brasil, falar em “paraguaização”. Palavra de natureza vaga, mas com a qual se intenta, ao que parece, comparar entre o estado de civilização do Paraguay e do Brasil, supondo que os aldeamentos criaram a civilização do Paraguay, e que o Brasil poderia ter sido o mesmo.

Se há nisso uma intenção depreciativa, nada a justifica: e a suposição está em desacordo com a ciência geográfica e com a ciência histórica.

A Topologia Antropogeográfica ensina que são diversas as reações dos homens, segundo o meio em que operam, a posição e situação das terras, o seu maior ou menor afastamento das costas, reações que se manifestam na vida de relação, na cultura, na economia e na política. Fatores independentes da vontade dos homens, à roda dos quais se congregam caracteres econômicos, políticos e sociais de índole diversa. Dentro da competência humana está promover o maior rendimento possível

(*) O autor da presente transcrição dispensa apresentação. Trata-se, todos o reconhecem, do maior historiador da obra jesuítica no Brasil, nascido em 1890 e falecido em 1969, muito escreveu dentro da temática jesuítica. Sua **História da Companhia de Jesus no Brasil** (nove grandes volumes de texto e um de índice) representa uma das obras capitais da bibliografia histórica brasileira. Além do muito que escreveu, fruto de exaustivas pesquisas, contribuiu, e muito, para a divulgação de fontes jesuíticas: cartas, sermões, informações históricas, enfim um enorme manancial para o conhecimento de nosso passado.

da terra, de acordo com o tipo de civilização que esses fatores condicionam. Trabalho de adaptação e superação, que é a própria glória do engenho humano.

Ora, o Paraguay é região do interior, fechada sobre si mesma; o Brasil é região de costas marítimas, abertas e imediatamente acessíveis às correntes de civilização exterior, influenciando por sua vez nelas.

Terão refletido nestas leis os que falam de paraguaização do Brasil? As aldeias dos jesuítas ou outras quaisquer formas de povoamento seriam porventura capazes de transformar o “rio” em “mar”, e o Paraguai de nação “interna” em nação “marítima”? Ou, reciprocamente, as aldeias costeiras do Brasil poderiam transformar as “costas” marítimas em “sertão” fechado sobre si mesmo?

A confusão histórica ainda é maior, com a suposição implícita de que as aldeias da Companhia de Jesus, no Paraguay e no Brasil, foram uma e a mesma coisa. Não foram. As aldeias do Brasil e do Paraguay tiveram diversa **origem, organização e finalidade**.

No Brasil, o primeiro passo da civilização atual foi a fundação de “vilas” e “cidades”, com organização portuguesa, cristã e municipal, ou pré-municipal como em São Paulo. Ao redor das vilas e cidades agruparam-se as “aldeias” dos índios, com tríplice fim: doutrinário (a catequese), econômico (o serviço dos índios), político (a intenção de utilizar os índios aldeados na defesa das vilas e cidades contra os índios não confederados ou contra os inimigos externos). Ou seja: educação, pela doutrina cristã; educação, pelo trabalho; educação, pelo sentimento de solidariedade, germe unitiva de uma pátria em formação, em cujos quadros, para honra do catolicismo ou universalismo dos colonizadores portugueses, foram admitidos os índios.

Assim foi na Bahia. Fundou-se a cidade do Salvador e logo se coroou de aldeias. No Espírito Santo e Pernambuco já existiam as vilas de Vitória e Olinda, quando as aldeias se estabeleceram nos seus distritos. No Rio de Janeiro fundou-se a cidade de São Sebastião, e logo, sucessiva e admiravelmente dispostas no triângulo defensivo fluminense, a aldeia de São Lourenço, do outro lado da baía de Guanabara, a de São Barnabé, no fundo dela, e a de São Francisco Xavier na Guaratiba, mudada depois para Itinga e Itaguaí. Os seus índios, de guerra e de serviço, foram os que mais

trabalharam nas fortalezas que atemorizaram os piratas do século XVI e os holandeses do século XVII, que nunca se atreveram a entrar no Rio.

No Paraguai, a maneira foi outra. As aldeias fundaram-se (muito depois das do Brasil) no coração da selva, com intenção apenas doutrinária, e logo a seguir econômica, agrícola, pecuária, industrial e artística, por necessidade de subsistência e desenvolvimento da coletividade. Apenas dois elementos das aldeias jesuíticas do Brasil: educação pela doutrina, educação pelo trabalho. Não corresponderam a nenhuma intenção política de defesa de cidades, então inexistentes. Quando surgiu a necessidade de defesa, não eram as aldeias que se utilizavam para defender núcleos povoados diferentes de si mesmas, eram as aldeias que se mobilizavam para a sua própria defesa, ameaçadas pelos escravizadores de seus filhos que os levavam para longe delas. Daí o hermetismo constitucional destas aldeias, necessário para a sua própria existência. Porque elas, unicamente elas, eram em si, e o foram por muito tempo, a razão de ser da civilização nessas paragens. Do seu engrandecimento espontâneo e da semelhança da sua organização, nasceram os “Povos das Missões” (“Pueblo é a tradução castelhana do palavra portuguesa “aldeia”). No meio antropogeográfico em que se constituíram, realizaram o seu destino e foram, ao que parece, a admiração do mundo. Pelo menos, di-lo Montesquieu. E dizem-no centenares de outros.

Tão admiráveis como elas foram as aldeias do Brasil, nos aspectos que lhe eram peculiares, econômicos, doutrinários, políticos e sociais, parte importante na formação do Brasil, ainda não estudada em toda a sua magnitude, por ter andado a história de olhos voltados mais para a feição externa dos sucessos políticos, administrativos e militares, do que para a alma dos mesmos sucessos, a vida interior que os produziu e explica.

Do estudo positivo, documental e moderno dos aldeamentos e da sua evolução e conseqüências no Brasil e no Paraguai se infere que a “paraguaização”, no Paraguai, foi um bem, e o “abrasileiramento”, no Brasil, outro bem - o bem relativo próprio de cada qual. E só há lugar para intenção de satisfação, quando cada qual é o que é, com a sua personalidade viva, produto de si mesmo, em harmonia com as condições naturais de sua própria existência.

Inferese também que não se pode argumentar de umas aldeias para outras, tirando conclusões gerais aplicadas indiscriminadamente ao Brasil e ao Paraguay. A não ser que se confundam entre si grupos de origem, de organização e finalidade diversa, criados em meios antropogeográficos diferentes. Método inadmissível cientificamente, e até desaconselhado num mesmo país, quando é grande como o Brasil, onde, ainda hoje, dentro de sua robusta unidade política, se justapõem graus sociais e econômicos distintos, à proporção que o sertão recua e a latitude descai ou sobe.

(“Jornal do Comércio”, Rio de Janeiro,
8-11-1943)